



Movimento Estudantil Popular Revolucionário

MEPR - Agosto de 2008 / www.mepr.org.br

Eleição não muda nada

Mais um ano de eleições chegou. A bilionária campanha eleitoral requisita nosso voto a todo instante sob a justificativa de que os candidatos irão resolver os nossos problemas: acabar com o desemprego, com a fome, melhorar a educação, saúde, transporte...enfim, transformar esta triste realidade.

Esta propaganda não passa de um engodo. **A afirmação de que através do voto podemos transformar a sociedade constitui uma das mentiras mais nocivas de hoje em dia.** Não obstante, candidatos, esta é uma posição que unifica todas as legendas – sem exceção. em meio à raivosa disputa entre os

Não só os partidos eleitoreiros, mas também os órgãos do Estado, o monopólio de comunicação, as grandes empresas, toda a reação se junta nesta tarefa de louvação deste arremedo de democracia para iludir e desviar o povo do único caminho concreto de transformação, o da luta revolucionária.

Democracia?

A democracia que existe é unicamente para as classes exploradoras que, dispondo de amplo recurso financeiro, conseguem promover megas campanhas, definir as regras, comprar pesquisas, moldar a chamada opinião pública além, é claro, da secular compra de votos que fazem principalmente em bairros pobres e favelas via oferta de dentaduras, sacos de cimento, tijolos e demais necessidades do povo. As eleições burguesas constituem um jogo de cartas marcadas. Uma farsa.

Para o povo não há democracia alguma, sequer os direitos básicos e elementares são oferecidos com qualidade pelo Estado. O povo carioca ainda sofre mais com a gradativa militarização da cidade, perdendo suas crianças, jovens, homens e mulheres trabalhadoras por bala “perdida” ou certa, seja do tráfico ou da polícia assassina.

O Rio de Janeiro parece mesmo ser um laboratório do fascismo no Brasil. Temos a polícia que mais mata no mundo e, ao lado disto, ainda temos que ouvir dos políticos de plantão que é preciso intensificar o “combate ao tráfico” e a “política de enfrentamento” – leia-se, execução sumária de trabalhadores.

O terrorismo praticado pelo Estado, além de todas as políticas antipovo que desmontam o sistema público e sempre favorecem grandes empresas privadas fazem parte da própria natureza de classe deste Estado. O Estado nada mais é que o instrumento das classes dominantes para oprimir e explorar as classes dominadas. Por isto, os candidatos que assumirem os postos de prefeito e vereador continuarão com as políticas contra os trabalhadores e os estudantes, pois esta é a condição para as classes dominantes manterem seu poder e sua sociedade injusta. Basta olharmos para a história de nossa cidade e indagarmos qual é a diferença essencial entre uma prefeitura e outra. Ou mesmo atualmente,



o que diferencia os mais de mil governos municipais no Brasil? Não há diferença alguma, pois o programa de governo é um só: o das classes dominantes.

Além de os candidatos serem tudo farinha do mesmo saco, o vencedor será aquele ou aquela escolhidos de antemão pelas classes dominantes, ou seja, que comportar as melhores condições para continuar a implantação das políticas do imperialismo, principalmente norte-americano, como retirada dos direitos do povo, de aumento da criminalização da pobreza, de garantia do superávit primário (dinheiro destinado ao pagamento de juros da dívida) etc.

É preciso destruir o Estado, não trocar seus gestores

A opressão e exploração estão asseguradas pela própria estrutura deste Estado, regida essencialmente por corrupção e fraudes, onde manda quem tem mais dinheiro. A transformação profunda da sociedade e das nossas vidas não depende de quem irá gerir o Estado, mas precisamente da destruição deste.

Os poderes executivo, legislativo e judiciário deste velho Estado não servem ao povo. Daí só saem canetadas a serviço dos lucros da grande burguesia, da entrega de riquezas para o imperialismo e sentenças para despejar pobre em presídios. O povo necessita destruir este Estado corrompido, esta estrutura que somente serve aos ricos, e criar seu próprio Estado, com novas estruturas, sem privilégios e que garanta uma Nova Democracia.

Eleição, Não! Revolução, Sim!

Isto só pode ser feito através de uma Revolução, uma luta organizada e prolongada do povo, sob a direção do proletariado, pela tomada do Poder.

A Revolução Brasileira, pelas condições particulares do país, enquanto uma semicolônia com capitalismo burocrático nas cidades e relações semifeudais no campo, é uma Revolução Democrática, Agrária e Antiimperialista, que segue diretamente até o Socialismo.

Esta Revolução já se iniciou, ainda em forma inferior de luta, através das mãos camponesas que destróem o latifúndio, repartem a terra e estabelem seu Poder político na área, resolvendo a questão mais pendente do país que é a estrutura fundiária, praticamente intacta há mais de 500 anos. É a Revolução Agrária, início da Revolução Brasileira, que destrói a força mais caduca e atrasada da sociedade, o latifúndio, e já semeia pequenos embriões do Poder Popular nos rincões deste país. Nas áreas tomadas pela Revolução Agrária são os próprios camponeses, e não mais este velho Estado, que decidem tudo. Os camponeses exercem seu Poder, decidindo sobre a produção, sobre obras, resolvendo o analfabetismo, criando Escolas Populares, discutindo os problemas de saúde, promovendo sua própria segurança, enfim, governando suas próprias vidas.

Cabe aos estudantes comprometidos com a transformação da sociedade negar a via eleitoral e participar ativamente da Revolução - único caminho para os oprimidos e explorados.